

MULHERES MAKURAP E O SABER-FAZER DO MARICO

Roseline Mezacasa¹

Resumo

As plantas evocam relações de pertencimento aos territórios, agenciamentos e experiências. Nesse contexto, a presente pesquisa dedica-se a compreender as relações existentes entre mulheres Makurap e o saber-fazer atrelado ao tucum, para tanto, pretende-se construir uma compreensão sobre a vida da anciã Makurap, D. Juracy Menkaiká, a partir da sua trajetória biográfica, engendrada com o saber-fazer do tucum/marico. A pesquisa foi realizada a partir de trabalhos de campo sucessivos realizados entre outubro de 2014 a fevereiro de 2017, junto ao povo Makurap, na Terra Indígena Rio Branco, RO.

Palavras-chave: Makurap, Marico, Mulheres, Saber-fazer.

Introdução

As plantas evocam relações de pertencimento a um território. As árvores plantadas, as flores, os remédios, são evidências do cuidar, do domesticar os lugares, da existência de ocupação humana, como também de um saber que tornam conhecidos os lugares da mata. As plantas referenciam o território vivido, conhecido, ou também, em alguns casos, um território já ocupado anteriormente por outros grupos.

Nesse contexto, a presente pesquisa dedica-se a compreender as relações existentes entre mulheres Makurap e o saber-fazer atrelado ao tucum, para tanto, pretende-se uma análise que também perpassa as subjetividades das relações que envolvem mulheres e as plantas.

Desenvolvimento

Alguns pesquisadores, entre eles, Juliana Machado (2012) e Laura Mentore (2012) produziram trabalhos que possibilitaram novos olhares que, em muito, superam as abordagens que pouca ou nenhuma atenção deram as agências entre plantas e humanos, plantas e não humanos, no interior dos grupos humanos. A partir destas pesquisas, entende-se inúmeras formas de agenciamento entre mulheres e plantas: a cura de um lugar; a cura de uma pessoa; abrir os canais de comunicação entre humanos e não-humanos; alinhamentos intersubjetivos; relações de identidade; relações de afeto (...).

¹ Doutoranda em História, Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Linha de pesquisa: História Indígena, Etnohistória e Arqueologia. Docente do Departamento de História, Campus de Rolim de Moura, Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
E-mail: roselinemezacasa@unir.br

Para pensar mulheres indígenas e suas relações com as plantas, faz-se importante a discussão sobre território e territorialidade. Assim, é fundamental uma perspectiva de território enquanto categoria fluida e dinâmica que, em muito, extrapola demarcações fixas, rígidas, pensadas a partir de uma perspectiva cartesiana de orientação das relações humanas com os espaços físicos. Intrinsecamente ao conceito de território está o conceito de territorialidade, que engendra a complexidade das relações humanas e não humanas ocorridas em um território.

No que toca a Amazônia, compreende-se a complexidade da conexão/junção entre o natural e o cultural, a tal ponto que pensar as categorias cultura e natureza separadas é uma tendência a um fracasso epistemológico, isso pois, tal abordagem tende a silenciar as relações entre vida humana e todos os elementos que compõem os lugares, para além de uma dicotomia entre natureza e cultura. Tais relações podem ser compreendidas a partir das palavras de Ingold, citado por Moore & Thompson, em que destaca que as relações humanas no ambiente estão sempre em formação “[...] sendo continuamente criados através de interações entre seres humanos, animal e plantas, e reafirmados na prática através do desempenho das tarefas cotidianas, que atuam recursivamente para criar e recriar as relações sociais [...]” (INGOLD *apud* MOORE & THOMPSON, 2012, p. 269). Assim, pensar território a partir da superação dualista entre natureza e cultura, é aproximar-se de uma compreensão dos múltiplos agenciamentos possíveis entre humano, cosmologia, significados, sentimentos, sabores, não humanos, memórias, a partir de um espaço físico, que não é apenas espaço físico, espaço natural, tal como o pensamento cartesiano de separação entre homem e natureza.

A partir dessas discussões é infinitamente instigante pensar as sociabilidades que se relacionam nesses lugares. Dessa forma, na pesquisa apresentada, pretende-se construir uma compreensão sobre a vida da anciã Makurap, D. Juracy Menkaiká, a partir da sua trajetória biográfica, engendrada com os saberes sobre as plantas, com destaque para o processo do saber-fazer do marico, bolsa utilizada pelas mulheres para carregar a colheita da roça, transportar objetos de um lugar a outro, entre outros, feita a partir das folhas do Tucum.

Menkaiká, nasceu nos tempos da “*firma seringalista*”, ainda muito jovem perdeu boa parte da sua família nuclear com as doenças que assolaram as etnias da região, após o contato com o sistema seringalista. Ela cresceu em andanças pelo Vale do Guaporé, tendo as relações com os barracões da região orientado, em muito, as narrativas sobre sua vida. Conviveu muito com o avô e avó materna, conta a anciã que era muito curiosa, queria saber sobre as “*coisas dos antigos*”. É hoje, no interior da Terra Indígena Rio Branco, uma anciã muito respeitada pelos

seu saber-fazer sobre os “*tempos dos antigos*”. Foi parteira, quando mais jovem e é uma grande conhecedora dos “*remédios do mato*”. Menkaiká até hoje é procurada pelos “*parentes*”, para curar os males do corpo com os remédios do mato. Atualmente, essa tarefa é feita com a ajuda das filhas.

Ao longo da pesquisa objetiva-se levantar a problemática sobre saber-fazer que são/foram transmitidos pela anciã para a rede feminina de descendentes, com destaque para suas filhas e netas. Para compreender tais dinâmicas e processos intrínsecos que envolvem o saber-fazer do marico, construiremos um reflexão que terá enquanto fio condutor as histórias biográficas do tucum e do marico, unindo-as com as histórias biográficas das mulheres Makurap.

O interesse pela temática surgiu após um trabalho de campo, em que foi possível acompanhar duas filhas de Menkaiká e uma neta, na coleta do tucum e, assim, acessar os universos simbólicos, cosmológicos e de relações entre humanos e não humanos que estão intrínsecos ao saber-fazer a partir do tucum, além de inúmeras narrativas feitas pela anciã. As fontes para o ensaio compõem acervo de entrevistas e anotações em caderno de campo, essas fontes foram produzidas a partir de uma etnográfica realizada, em diálogo com a metodologia da História Oral, durante os anos de 2013 e 2016. As análises das fontes, serão orientadas a partir dos estudiosos que se empenharam em compreender as relações entre homens e não humanos, mulheres e plantas, território e territorialidade. Entre os autores estão Juliana Machado (2012), Laura Mentore (2012), Viveiro de Castro (1996), Carlos Fausto (2008), Muller (1990), Ribeiro (1986).

Considerações finais

Em suma, busca-se na abordagem as subjetividades que envolvem o relacionar-se, em um processo que chamarei de “*domesticação do tucum*” pelas mulheres Makurap. Dessa forma, o saber-fazer também organiza os elementos que as constituem enquanto mulheres Makurap, engendrando suas relações de pertencimento étnico. Tais afirmações versam sobre a observação de um conjunto de ações que permeiam o saber-fazer, entre elas o conhecimento do território, as sociabilidades que envolvem as mulheres a envolverem-se em todas as etapa da produção, desde a coleta da folha do tucum até a confecção do marico.

Referências Bibliográficas

MOORE, Christopher R. and Victor D. THOMPSON. Animism and Green River persistent plac-es: A dwelling perspective of the Shell Mound Archaic. **Journal of Social Archaeology**, 2012, 12: 264